

entrevista



A pesquisa sobre jornalismo no Brasil

Antônio Hohlfeldt é jornalista, político, escritor, pesquisador e professor universitário. Em setembro de 2008, assumiu a presidência da Intercom, maior entidade de pesquisadores da comunicação no país. Nesta edição da *ECO-Pós*, ele fala sobre sua trajetória no jornalismo, na política e na academia e sobre os desafios de estar a frente de uma associação científica do tamanho da Intercom. Afirma que, apesar de todas as transformações provocadas no jornalismo pela introdução das novas tecnologias, as questões essenciais da profissão continuam as mesmas.

Ana Paula Goulart Ribeiro

Você é formado em letras e tem mestrado e doutorado em literatura. Como surgiu seu interesse pelo jornalismo?

Na verdade, desde o segundo grau, quando eu estudava o clássico, no Julinho, eu freqüentava a ARI (Associação Riograndense Imprensa), e me dirigia ao jornalismo. Já colaborava com o *Correio do Povo*. Ocorre que, na minha sala de aula do segundo grau, estudava o João Gilberto Noll, hoje um dos nomes mais respeitados da literatura brasileira. Éramos amigos, e ele ia fazer vestibular para letras. Acabei estudando latim com ele e fui fazer também o vestibular de letras. Passamos ambos. Então, comecei a estudar letras de manhã (outro colega então era Caio Fernando Abreu, infelizmente já falecido) e jornalismo à tarde, logo depois, à noite. Através de um colega do jornalismo, fui fazer rádio nos fins de semana. Logo depois, cheguei ao Paulo Fontoura Gстал, editor de cultura do *Correio do Povo* e de cinema da *Folha da Tarde*. Comecei a escrever crítica de cinema. A partir daí, quando saiu a legislação profissional do jornalista, registrei-me no sindicato e entrei definitivamente para o *Correio do Povo*, sempre na editoria de Cultura. Mas estudava letras ao mesmo tempo. Ou seja, trabalhei a vida toda em jornal. Em 1974-1975, trabalhei na *Rádio Canadá Internacional*, em Montreal e, na minha volta, fui dar aulas no curso de jornalismo da Unisinos. Mas sempre estudando letras, terminei a graduação, comecei o mestrado, que interrompi antes da dissertação, e que só retomei muitos anos depois.

Quando e como você começou a pesquisar sobre jornalismo? O que você destacaria como mais importante na sua produção intelectual?

É difícil a gente mesmo destacar algo. Mas sou muito disciplinado, tenho meus arquivos desde

roteiros para programas de rádio para o interior, que eu gravava, todos os artigos que escrevi para *Correio do Povo* e *Folha* etc. Às vezes fico surpreso com tudo o que já escrevi. Muita gente tem insistido em eu publicar isso. Acho que vale a pena, sim, mas precisaria ser editado, quer dizer, com alguns comentários etc. Por exemplo, o conjunto de resenhas-artigos que tenho sobre a literatura brasileira dos anos 1960 a 1980, realmente servem como roteiro. Vivi o processo, no dia a dia, e está tudo registrado no jornal: entrevistas quando dos lançamentos, resenha quando o livro saía publicado. Acho que o jornalismo cultural do *Correio do Povo* era de primeira qualidade. Na *Folha*, a chamada “Equipe das terças” foi uma experiência *sui generis*. O Gastal reunia estudantes universitários de direito, letras, economia, jornalismo etc., que gostavam de cinema. Nas segundas, distribuíamos os filmes estreados. Todos íamos a um filme à tarde. De noite entregávamos o artigo (de 20 a 40 linhas conforme a importância da obra). Na terça (daí o nome), saíam numa só página do jornal, às vezes duas, sete comentários sobre sete filmes. Era fantástico. Depois, destaco as viagens ao exterior que fiz. Devo muito de minha formação ao antigo dono do jornal, Breno Caldas. Quando eu viajava, a convite de uma embaixada, como jornalista cultural, o Breno sempre me autorizava ficar mais alguns dias. Eu ia a outras cidades, museus, exposições, e depois passava meses escrevendo longos artigos para um caderno de reportagens dos domingos. A conseqüência, mais tarde, foi o lançamento dos primeiros livros de ensaios de literatura e, enfim, a literatura para crianças e jovens. Tenho mais de 20 títulos publicados neste campo. Cheguei, enfim, ao ensaio sobre comunicação, mas isso bem mais recentemente, como resultado de um maior envolvimento com o campo, depois do Doutorado.

Você trabalhou durante muitos anos em jornais como o *Correio do Povo* e o *Diário do Sul*. Hoje, como pesquisador do jornalismo, como você avalia essa experiência profissional?

Ela foi e tem sido fundamental. Ainda hoje, durante as aulas, posso lançar mão desta experiência, discutindo com os alunos e provocando-os para as novas perspectivas do que é uma redação: a diferença entre a paginação e a diagramação; a etapa de hoje da página colocada na tela do computador; o fechamento de edição na madrugada e o fechar a página antecipadamente pela telinha do computador; a experiência do repórter, a preparação de pauta, a organização da entrevista, enfim. Até porque hoje sou um cara de 60 anos, que vivi rádio e jornal, principalmente, em diferentes momentos (na *Rádio Canadá* a gente produzia, redigia e editava; montei programas com fita e tesoura, editando tudo à mão, num tempo em que ainda nem se falava em computador), acho que posso ter clareza quanto ao que mudou e, ao mesmo tempo, dialogar com os jovens alunos a respeito das coisas que também não mudaram: a necessidade de o jornalista ser sempre um cara bem informado; com bom domínio de seu idioma e de idiomas estrangeiros; a caderneta de

endereços; a preparação da pauta antes de sair; a valorização da entrevista ao vivo; a importância do setor de pesquisa etc.

Você também tem uma atuação importante na política (foi vice-governador, governador e vereador por cinco vezes). Como você concilia sua vida como homem público e como professor e pesquisador?

Sempre tive muita disciplina e separei claramente as diferentes funções. Por exemplo, ao longo dos 20 anos de vereador continuei dando aula na universidade (Unisinos e depois PUCRS), jamais cheguei atrasado ou faltei aula por causa disso. Mesmo enquanto vice-governador, quando conversei com o então candidato a governador, deixei clara esta questão, que foi aceita e cumprida. Há um episódio engraçado em que numa das vezes em que o governador Rigotto viajou à China e deveria me passar o governo formalmente, ele me pediu que estivesse às 17 horas no aeroporto e eu lhe disse que não poderia, porque às 17 horas eu estaria em sala de aula. Ele respeitou minha posição e fizemos a transmissão de governo uma hora antes, porque, de fato, às 17 horas, eu estava em sala de aula. Continuei também a fazer televisão. Mas quando ia algum deputado que comentaria algo do governo, eu entrava no bloco inicial e saía antes do deputado entrar, já que eu não iria me imiscuir no seu comentário. Cuidava também da roupa: quando eu aparecia como autoridade, mantinha o traje completo com gravata e tudo; quando ia como jornalista, ia mais esportivo. E os produtores sempre respeitaram isso, nunca se valeram de me ter como jornalista para me entrevistar enquanto vice-governador. Mas isso foi uma decisão firme minha, que acho que não surpreenderia na Europa. Por exemplo, quando eu chegava à universidade, com a segurança e carro oficial, tudo isso ficava na garagem. Jamais atravessei o campus “vestido de autoridade”, como a gente dizia. E nunca mudei minha maneira de ser ou de dar acessibilidade aos alunos. Então, o cuidado com a agenda e a clareza em que você pode viver diferentes papéis sociais, mas deve saber respeitá-los cada um em suas características, acho que foi fundamental. E isso foi muitas vezes verbalizado por mim, de modo que era público e talvez, por isso mesmo, respeitado.

Você assumiu a presidência da Intercom em setembro de 2008. Como você avalia a importância da entidade para o campo da comunicação e em especial para os estudos de jornalismo?

Acho que a Intercom tem enorme importância, antes de mais nada pela história que apresenta: respeito absoluto, liberdade total, aceitação de diferenças. A obra liderada por José Marques de Melo, Anamaria Fadul, Margarida Kuschn e tantos outros, é admirável neste sentido. Mais de 30 anos, num país de memória curta, é uma façanha. Depois, a questão da representação. Na Intercom,

há espaço para aluno, professor, pesquisador, profissional da prática e interessado na teoria. A gente tem diferentes instâncias onde todo o tipo de trabalho pode ser apresentado e vai ter igual seriedade de avaliação. Enfim, a questão da amplitude nacional. Nos últimos anos, nesta última nova gestão de Marques de Melo, valorizou-se cada vez mais os congressos regionais, reconhecendo que num país das dimensões do Brasil, é difícil para um jovem estudante sair de Porto Alegre e ir a Manaus ou deixar Pernambuco e chegar a Curitiba. Os congressos regionais, além do mais, levam os nomes mais conhecidos até as regiões, diminuem as eventuais inibições dos iniciantes, alunos ou professores e, neste sentido, fomentam e incentivam o interesse crescente pela pesquisa em comunicação. Outro aspecto fundamental é que, a partir do próprio batismo da entidade, a Intercom considera a Comunicação num sentido amplo, de modo que pode-se articular muito mais conhecimento do que normalmente outras entidades ou congressos permitem. O resultado é este conjunto fantástico de 4 a 5 mil pessoas/ano nos congressos nacionais, fora os milhares que se reúnem em cada congresso regional. Mais recentemente, a Intercom começou a buscar e aceitar parcerias com instituições variadas, como a revista *Imprensa*, as Organizações Globo, o Itaú Cultural, relações que enriquecem as atividades da entidade e possibilitam maior acesso a nossos filiados e participantes a um amplo universo que envolve e é envolvido pela Comunicação.

Quais são os principais dificuldades e desafios de conduzir uma entidade do tamanho da Intercom?

A principal dificuldade, evidentemente, são as distâncias. Vivo em Porto Alegre. A cada 15 dias tenho de ir a São Paulo. Lá estão secretário e tesoureiro, porque é impossível tira-los de lá. A vice-presidente está em Brasília. A diretora científica está no Rio, e assim por diante. Não sei se sem a internet poderíamos ter pensado numa diretoria tão descentralizada quanto esta. Por outro lado, essa abertura democratiza a entidade. Se somarmos conselheiros e representantes regionais, chegamos a mais de vinte pesquisadores que integram a diretoria, além dos conselheiros internacionais. Ou seja, a Intercom busca uma articulação nacional, continental e internacional. Nos relacionamos com congêneres em todo o mundo, e estamos em ampla expansão nestas relações. Se cada companheiro de diretoria assumir, como tem assumido, a sua parte de responsabilidade, o que ainda fica como desafio é o custo quando temos de reunir todo o mundo em São Paulo. Já tentamos descentralizar as reuniões, mas fica ainda mais caro. Então, skype e internet nos ajudam. A maioria de nós instalou skype, quem não tinha, em geral trocamos muitos e-mails, e às vezes coordenamos alguma reunião por telefone. Mas o mais importante, e daí o lado positivo, é a diversidade de pensamento. Não gosto de decidir nada sem consultar ao menos aqueles mais diretamente vinculados à diretoria, como vice-presidente, secretário, tesoureiro e diretora científica. E quando entra algum assunto

mais específico, a gente fala com o diretor responsável por aquela área.

Na sua opinião, qual é o papel de outras entidades da área, como a Compós, a SBPJor, a RedeAlcar e a Socine?

Cada uma dessas entidades tem um papel específico, que não se imiscui um com o outro. A Compós representa os Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social. SBPJor e Socine, dentre outras, representam segmentos específicos, no caso, Jornalismo e Cinema. O Caso da RedeAlcar é um outro recorte que tem a ver especificamente com a História da Imprensa e do Jornalismo. Poderíamos lembrar ainda a Cátedra Unesco e certamente outras entidades. A Intercom, de certo modo, abriga gente de todas essas origens, porque ela é o grande guarda-chuva, respeitando a identidade e a autonomia de cada uma das entidades. À medida que a área da Comunicação Social amadurece, ela certamente sente necessidade de ir se especializando, definindo suas diferentes identidades, sem necessariamente abandonar aquela que é a mais ampla e a sua origem. Eu mesmo, independentemente de ser hoje o presidente da Intercom e de coordenar um grupo de pesquisa, no caso da História em Jornalismo, integro a Compós e ali tenho apresentados trabalhos, assim como a RedeAlcar. Integro o conselho da SBPJor e já participei, em algum momento, da Socine. Uma coisa não impede a outra. Pelo contrário, acho que quanto mais entidades tivermos, teceremos nossa rede de comunicação, o que fortalecerá a área junto às agências como o CNPq e a Capes. É bom lembrar que ainda no ano passado, por isso mesmo, criamos uma entidade que reúne todas essas demais entidades e cuja presidência está, provisoriamente, com o Prof. Dr. José Marques de Melo, ex-fundador e ex-presidente da Intercom, um dos pioneiros dos estudos no campo da comunicação, não só em nosso país quanto no continente.

Como você avalia os estudos de jornalismo hoje?

Acho que avançamos bastante. Hoje, não apenas definimos bases teóricas a partir das quais discutimos o próprio conceito de jornalismo e seus valores, quanto nos referimos à história mesma do jornalismo – e muitas vezes da imprensa – a partir de referências do próprio campo, e não da historiografia em geral, por exemplo, a partir da política ou dos acontecimentos de um outro campo que não o nosso. Os cursos de comunicação vêm valorizando a área da Comunicação, mas também têm se preocupado com cada campo de atividade específica, como é o caso do jornalismo, o que pode ser verificado claramente com a Universidade Federal de Santa Catarina. Acho que a RedeAlcar, neste sentido, antecipando a passagem dos 200 anos de fundação da imprensa brasileira, em 2008, deu um bom empurrão neste tipo de preocupação e ajudou a formalizar uma série de pesquisas que, hoje em dia, começam a atravessar as fronteiras do Brasil, vinculando-se aos estudos

portugueses, por exemplo, especializando-se em assuntos como o webjornalismo ou mesmo aproximando experiências diferentes como as brasileiras e as dos Estados Unidos ou França.

Quais são as grandes questões para o jornalismo na era digital?

Antes de mais nada, o jornalismo continua sendo antes de tudo jornalismo. Pauta, preocupação com a fidelidade, a discussão sobre o “furo”, as novidades trazidas com prioridade e também com profundidade, são as mesmas discussões a que temos assistido ao longo de século e meio da existência formal do jornalismo. É evidente que os suportes nos obrigam a pensar o jornalismo sob angulações variadas. No caso do webjornalismo, não basta noticiar, há que mostrar, trazer o som, possibilitar o debate e a intervenção do receptor, logo tornado um emissor ou co-emissor, e assim por diante. Mas é bom a gente não esquecer que a essência do jornalismo não mudou. Veja sua história: da rua para a redação (séculos XV ao século XVIII); da redação para a rua (século XIX). Hoje, a convergência entre a redação (áreas de pesquisa, as potencialidades do telefone e da internet, etc.) e também a rua (continua sendo básico, conforme reclama o leitor/ouvinte/telespectador/receptor, enfim, que a gente traga o “espírito da rua”, como entendeu João do Rio, que inovou entre nós, ou defendia Gordon Benett nos Estados Unidos). Há alguns pesquisadores que se mostram preocupados com o fato de a informação poder ser produzida a partir de qualquer fonte. Ora, no fundo, isso sempre aconteceu. Vai depender, no entanto da maior ou menor exigência do receptor quanto àquele termo que os americanos tanto valorizaram, “accuracy” – fidelidade – e que de fato continua defendendo o que seja o bom jornalismo. Lembremos que logo que os sites de webjornalismo surgiram, discutia-se o “em cima da hora”, trazer novidades a cada cinco ou três minutos. E temia-se que quem redigiria o texto não seria um jornalista. Ora, passou a febre, passou a onda. Os sites hoje atualizam de 15 em 15 minutos, ou mais, e na verdade, querem garantir é fidelidade, boa cobertura, qualidade de material, desdobramento e aprofundamento, imagens e som em complementação às informações primárias etc. A era digital não deve assustar nem ser pensada como panacéia. É apenas mais uma etapa, em outro ritmo, por certo, de nossa vida sempre em busca da comunicação e da informação.